

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SECULO

N.º 713

O SARAPICO

por A. de S. R.

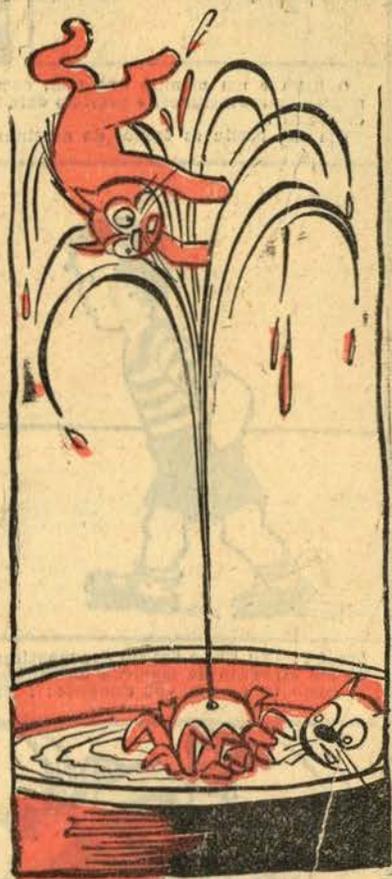
SARAPICO vivia, contente, em casa da sua gente: — pai Bicho, mãe Bicha e mano Bucha. Mas Sarapico demonico, sofria dum mal, também muito vulgar nos meninos traquinas, conhecido por «bicho carpinteiro», que não o deixava estar quieto um momento. Tantas por uma linha fazia, que um dia perdeu «a linha», o que equivale a dizer: — «deu com os burrinhos n'água», pois como diz o rifão: — «Tantas vezes vai o cântaro à fonte até que se parte.» Ora foi isto, pouco mais ou menos, o que sucedeu ao pobre Sarapico. Eu vos conto. Atenção!...

Sarapico e mano Bucha eram dois gatinhos de temperamentos opostos, isto é: — de diferente feitio. Quanto o Bucha era em demasia prudente, o que o tornava pouco simpático, pois tudo se quere na conta, — (bem certo é o rifão que diz: — «tudo o que é demais, deita por fóra» —) Sarapico era demasiadamente atrevido e ouvido, sem fazer caso do adágio que ensina: — «No meio termo está a Virtude.»

Pai Bicho e mãe Bicha estavam constantemente a pregar sermões ao Sarapico e ao Bucha. Assim, ao Sarapico diziam: — «Miáu, miáu, miáu!» o que significava: — «Não sejas assim tão mau!» E ao Bucha recomendavam: — «Ron-ron... ron-ron... ron-ron!...» que queria dizer: — «Não sejas assim tão bom!» Mas tanto um como o outro, faziam ouvidos de mercador, que é como quem diz: — «Vai falando que eu não me ralo.» E o resultado viu-se!...

Mano Bucha estava sempre a dormir. Ora como a quem muito dorme, dorme-lhe a fazenda, lá diz também o rifão, tanto dormiu bicho Bucha que teve um mau despertar: — foi de focinho à torneira.

O caso passou-se assim: Sarapico tinha por hábito saltar para o rebordo dum lago cheio de peixinhos encarnados, que eram a sua tentação e cubica e em cujo centro havia, todo envolvido por lindas plantas aquáticas, uma espécie de tronco, feito de ci-



mento armado, donde saía, ao abrir-se a torneira, um forte e alto repuxo. O Bucha, molengão como era, ao descobrir aquele nicho ao sol, resolveu formar um pulo e aninhar-se nele, para ali fazer a sua raposeira, uma bela soneca, enquanto o Sarapico se entretinha, sonsamente, esfarelado pedacinhos de pão, espalhando-os com a patinha marota à superfície da água, a-fim-de, com a mesma, tentar apanhar algum peixinho que, ao de cima, viesse para os comer. Mas, precisamente, quando Sarapico se



(Continua na página 5)

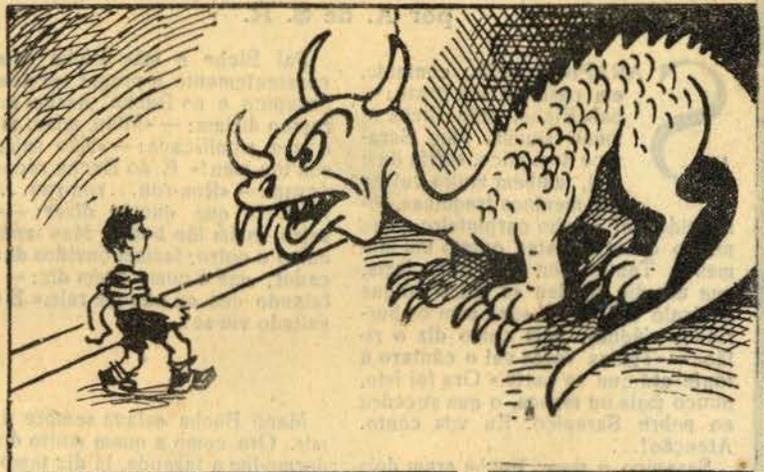
O CASTIGO DO RUCA



O Ruca é um menino que tem, como muitos outros meninos, o péssimo defeito de mentir.
Um dia, partiu os óculos da avózinha.

Ficou, é claro, muito aflito e, como ninguém visse o desastre, negou ter sido ele o causador.
No entanto, pensou no caso todo o dia.

À noite, ao abrir a porta do seu quartinho, para se deitar, lá morrendo de medo. Um horrroso dragão aninhava-se a um canto. Este, de súbito, com voz de trovoadá seca,



bradou:—Eu sou o dragão das mentiras. Só me alimento de meninos mentirosos. E, como tu és um, vou comer-te!!! U!!

Ui-ui-ui-ui!!! — Rrrrr! rrrr... rr... r...! E záz, comeu-o duma assentada.
Então, dentro da barriga do bicharoco,

gritou... e acordou, todo a tremer, na sua caminha.
Fôra um pesadêlo! A avózinha acorreu.



ouvindo-o gritar. Entretanto Ruca, já arrependido, confessou tudo. E, como pecado

confessado é meio perdoado, a boa senhora, deu-lhe também a outra metade do perdão,

com a condição dele se comportar bem para o futuro.

★ INTERCAMBIO EPISTOLAR ★



Maria Luisa Franco
Ribeiro
17 anos



Maria de Lourdes
de Jesus Chaves
12 anos



Maria da Saúde
Pessanha
13 anos



Deodata Monteiro
Bento
16 anos



Maria de C. Melo
Guerra Rodrigues
13 anos



Maria Emilia
Guerra Pedroso
16 anos



Maria Madalena
Serra
13 anos



Maria Helena Antunes das Neves
12 anos



Florinda Ferrer
Tourinho
16 anos



Lidia da Fonseca
Amaral
13 anos

Uma menina que queira corresponder-se com uma nova amiguinha, não tem mais a fazer do que enviar-nos o seu retrato, indicando o nome, a idade e a morada respectivas e aguardar a publicação do retrato da amiguinha que lhe coube em sorte. Depois enviar-nos a primeira carta que lhe for destinada, dentro doutra que será endereçada à Redacção do «Pim-Pam-Pum», com a indicação: — *Intercâmbio epistolar*.

Publicamos hoje nova série de retratos de inscritas na nossa secção de inter-câmbio epistolar, correspondendo a cada uma das nossas leitoras, que figuram na coluna superior, respectivamente, a amiguinha que lhe fica na mesma verticalidade, em baixo.

CONCURSO DE LEGENDAS

Entre os muitos concorrentes às *legendas a prêmio*, relativas à mais recente HISTORIA MUDA, publicada neste suplemento, cumpre-nos destacar o nome de Fernando Vitorino de Souza, morador em Leixões, Leça da Palmeira, Rua General Oscar Carmona, 124, que obteve o prêmio, com a poesia que abaixo publicamos. Fernando Eduardo Machado Vilhena de Magalhães Crespo e J. F. D. Ferreira foram classificados com menção honrosa.

★ A RAPOSA E A GARÇA ★

<p>I</p> <p>D. Raposa Matreira, A sua manha disfarça, E convida a D. Garça P'ra uma função fagueira.</p>	<p>Fez uma função de papas, Estendendo-as na lareira.</p>	<p>VI</p> <p>D. Garça fez as papas, (Vingou-se, quem tal diria.) E prontamente as deitou Em comprida almotolia.</p>
<p>II</p> <p>— D. Garça, minha amiga, Lá pará o pino do verão, Havemos de combinar Uma agradável função.</p>	<p>IV</p> <p>D. Garça com o bico, Não aproveitava nada, Mas a raposa, lambendo, Ficou quasi empanturrada.</p>	<p>VII</p> <p>D. Garça com o bico, Comeu sem pestanejar, Enquanto D. Raposa, Ficou para ela a olhar.</p>
<p>III</p> <p>D. Garça concordou, E a rapozinha, matreira,</p>	<p>V</p> <p>Fingindo-se satisfeita, A Garça em consid'ração, Convida D. Raposa P'ra uma nova função.</p>	<p>E assim a D. Matreira, Safu mal da brincadeira.</p>

FRANCISCO VITORINO DE SOUSA

AVENTURAS FANTÁSTICAS DA MILÚ



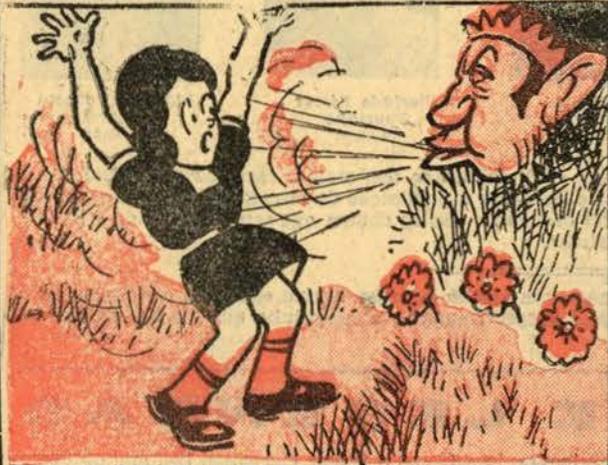
Milú é, como estão vendo, uma linda menina, mas a quem, infelizmente, faltam as boas qualidades. Assim, por exemplo, se, nos seus passeios, acon-



tece encontrar algum bichito distraído, é certo e sabido dar-lhe morte, pisando-o se ele não tem a providência de fugir. E flôres?... Sempre que

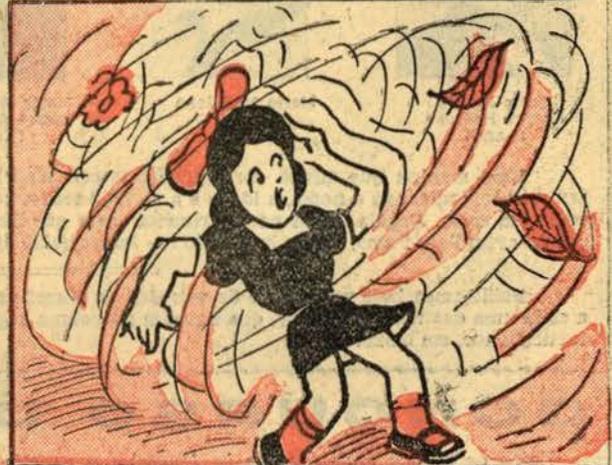


as encontra, dá cabo delas com qualquer pau que se lhe depare. Mas um dia é que foram elas! Quando se dispunha a maltratar umas



tenras florinhas que enfeitavam um maciço, surgiu d'êste uma cabeçorra enorme que disse:

— «Milú, tu és muito má! Por isso vou castigar-te, tornando-te do tamanho d'êses a quem queres maltratar.»



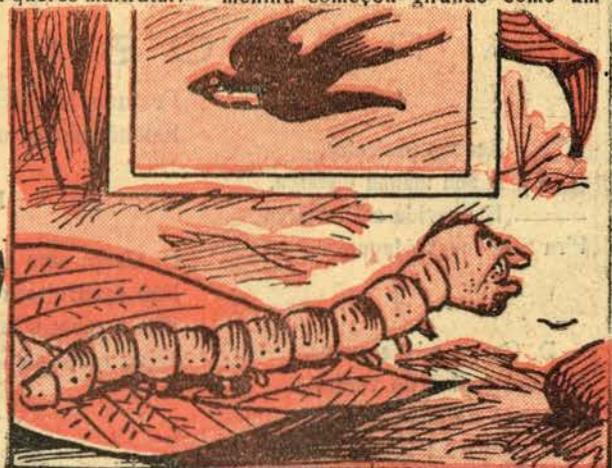
A seguir a estas palavras, pôs-se a soprar, com tal violência que a má menina começou girando como um



TAVARES PINHO

pião. Por cada volta que dava, diminuía um pouco, até que ficou reduzida a uns cinco centímetros de altura. Pobre menina! As suas maldades não

mereciam tão grande castigo. Entretanto, uma lagarta, com cara de poucos amigos, aproximava-se dela e uma andorinha que por ali esvoaçava,



começou baixando o seu vôo perigosamente...

A infeliz Milú estava, como se vê, numa situação bastante embaraçosa.

(Continua no próximo número)

O BOM e o MAU

por FRANCISCO VENTURA



Assim se passaram dias,
Assim se passaram anos.
O bom só teve alegrias,
O mau só viu desenganos.

Por mistério indecifrável
Sempre esta coisa se via:
O bom, a dar, aumentava,
O mau, a roubar, perdia.

E quando um dia morreram,
Viu-se esta coisa sem nome:
O bom morreu milionário,
O mau finou-se de fome.

É que em tudo o que há no mundo
Sinal de Deus se descobre.
Quem é bom dá e é rico,
Quem é mau, rouba e é pobre.



HOUVE, numa certa aldeia,
Em tempos que já lá vão,
Dois homens de igual idade
Mas desigual coração.

Um tinha apenas virtudes,
Sòmente fazia o bem
E o que havia em sua casa
Não se negava a ninguém.

Dava desde o pão à carne,
Ao azeite da candeia.
Era o pai da gente pobre
Que havia naquela aldeia.

E — coisa que a tôda a gente
Sem cessar maravilhava —
Quanto mais distribuía
Mais o que tinha aumentava.

Ao contrário disto, o outro
Era o pior que existia.
Nunca um sorriso de amor,
Na sua bôca se via.

Quási tinha ódio profundo
Ao pobre que nada tem.
Roubava quanto podia,
Não dava nada a ninguém.

Cheio de ambição daninha,
Ardendo em desejo louco,
Quanto mais tinha mais qu'ria,
Sempre o seu achando pouco.

E — coisa que tôda a gente
Sem cessar maravilhava —
Quanto mais êle trazia
Mais o que tinha mingrava



O SARAPICO Continuado da pág. 1

debruçava para dar com a manápula num gordo peixinho que, de bôca aberta, se dispunha a engulir os miolinhos de pão, o jardineiro, sem reparar nos gatos, pois já fazia aquele serviço maquinalmente, abriu de súbito a torneira, cujo cano comunicava com o orifício do repuxo e logo um forte jacto de água atirou bicho Bucha de escantilhão, fazendo-o dar três saltos mortais, de tal maneira mortais que o fizeram mergulhar no lago onde já se encontrava, também, o Sarapico que, com o susto, escorregara, quando estava todo debruçado.

E assim acaba êste conto do Sarapico e do Bucha, que tiveram triste fim;

o Bucha por ser um tonto, sempre a dormir á capucha, e o Sarapico ruím por na tóla não ter tento; dois malucos cem por cento, sem o mínimo desconto.



JOGO DOS ALPINISTAS

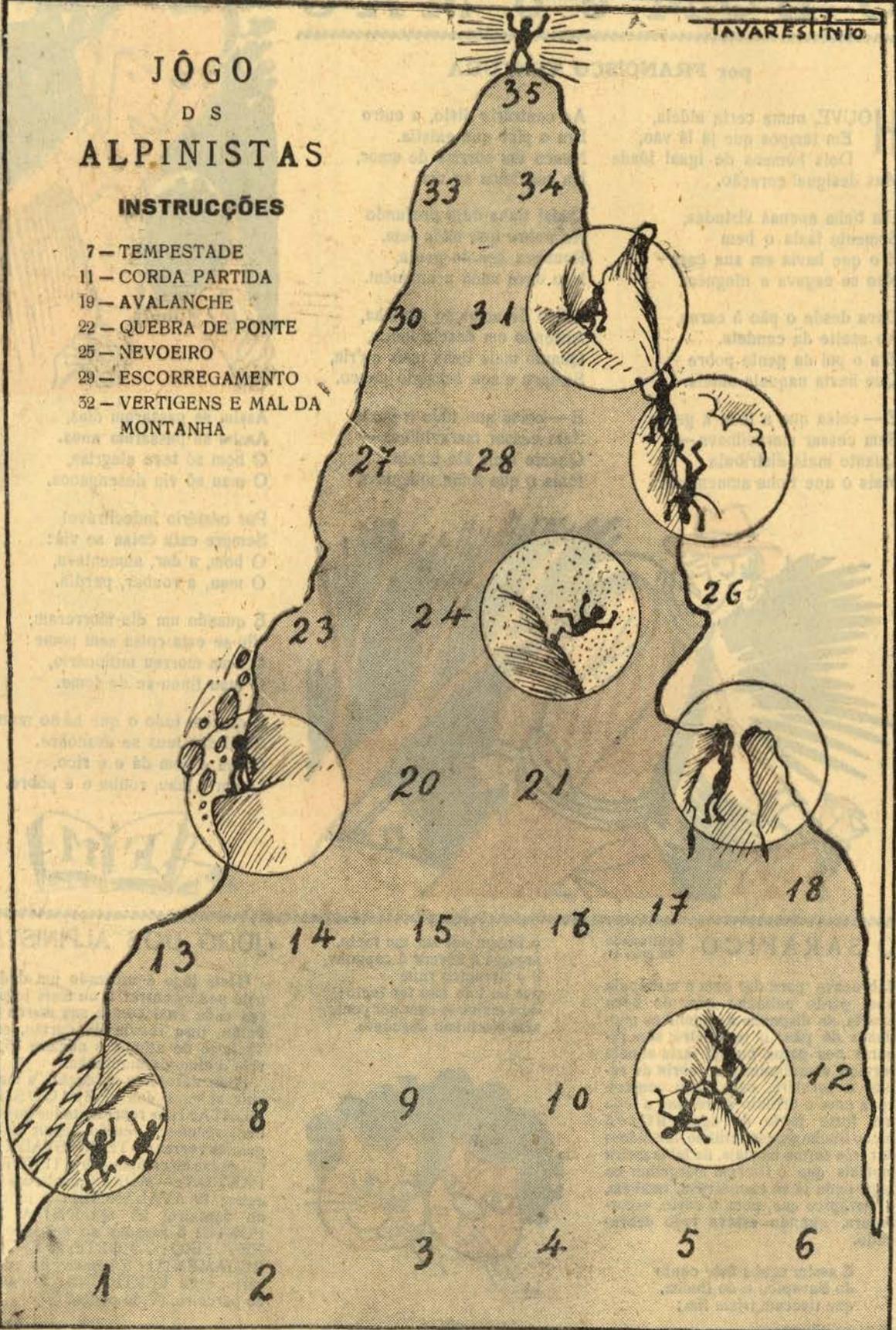
Nêste jôgo é utilizado um dado e nele podem entrar 2 ou mais jogadores cada qual com a sua marca (um botão, uma rodela de cartão, etc.). Trata-se de atingir e número 35, ou seja o cimo da montanha.

Pode, durante a ascensão, a marca cair nalguns dos «PERIGOS DA MONTANHA» representados nas conferências e então seguir as seguintes regras: 7 TEMPESTADE: dá 2 jogadas ao companheiro; 11 CORDA PARTIDA: — MORTE, ganhou o parceiro; 19 AVALANCHÊ: 2 jogadas ao parceiro; 22 QUEBRA DE PONTE: 3 jogadas ao parceiro; 25 NEVOEIRO: — MORTE; 29 ESCORREGAMENTO: 3 jogadas ao adversário; e 32 VERTIGENS: 2 jogadas ao parceiro. (Vidê página 6).

JÔGO D S ALPINISTAS

INSTRUÇÕES

- 7 - TEMPESTADE
- 11 - CORDA PARTIDA
- 19 - AVALANCHE
- 22 - QUEBRA DE PONTE
- 25 - NEVOEIRO
- 29 - ESCORREGAMENTO
- 32 - VERTIGENS E MAL DA MONTANHA



SEÇÃO DE BORDA- DOS E PIN- TURAS

Por ARLETE LOPES NAVARRO



Uma jarra velha de barro, feia e desleigante, podemos transformá-la, com um pouco de paciência e bom gosto, numa outra moderna e admirada. Vamos, pois, principiar a trabalhar.

O objecto que queremos decorar, para ocultar as imperfeições do barro,

disfarçando-as, deve lixar-se muito bem, com uma lixa grossa. Em seguida, dá-se uma demão de goma laca. Cinco minutos depois, estando seca, dá-se segunda demão. E mais uma vez se lixa o objecto todo por igual. Pinta-se, então, a jarra com esmalte, da cor que se desejar, devendo preferir-se sempre as cores escuras, por exemplo, preto, azul, castanho *grenat*. No dia seguinte, completamente seca a tinta, inicia-se o trabalho plástico.

Amassa-se com uma espátula, um pouco de ouro impalpável com fixativo, fazendo uma massa branda, que se deita num cartuchinho, tendo os lados colados para a tinta não se entornar. Fecha-se com duas ou três dobras. Com o dedo polegar e indicador, afasta-se o cartucho e a tinta sai pelo bico, previamente cortado. Faz-se, então, o desenho, como mostra a gravura n.º 1. Decorrido mais um dia, a fim de secar completamente a tinta, começa-se a fazer a decoração.

Enchem-se os outros cartuchos cada qual com a sua cor. Amassando a



tinta plástica (em pó) com Mordente Velouty. Cortam-se os bicos e fazem-se os desenhos, conforme o gosto e a habilidade das nossas gentis leitoras e obtereis uma jarra como vos mostra a nossa gravura n.º 2. Depois do trabalho concluído e seco, enverniza-se com Verniz Martin.

A DIVINHA



Qual dos nossos amiguinhos será capaz de fazer deste 3, um cinco, sem apagar nada do que está feito. No próximo número publicaremos a solução.

ALDEIA INDIGENA

(CONSTRUÇÃO PARA ARMAR)

Recomendamos aos nossos leitores que se orientem pelo plano de montagem já publicado, para fazerem a construção. O rio pode ser traçado aproximadamente como na *maquette*. Colar-se-ha no seu curso um papel recortado, azul claro ou prateado.

A ponte (n.º 9) será montada em arco colando as tiras dos extremos dobradas para dentro na base. A varanda da ponte será armada (B) colando os prumos nos pontos indicados em flechas, e terão os meninos que desenharem outro corrimão e os restantes prumos.

O hipopótamo será colocado conforme a *maquette*, colando os três pontos (A) dobrados para dentro e dando ao dorso do animal uma ligeira curva. Como aparenta estar submergido no rio, convém desenhá-lo em redor dele umas linhas onduladas parecidas às que estão no esboço.

As palmeiras serão construídas com tiras de cartão forte de um centímetro de largo por doze centímetros de altura, de

ligenciando que, na base, fique a tira mais larga. Cada tira destas será enrolada com uma fita de papel verde, cortada em bicos e colada de modo que os bicos fiquem soltos. Na parte superior prender-se-hão com a mesma fita, quatro folhas de palmeira iguais à que está no desenho que publicamos, recortadas e pintadas de verde, prendendo ao mesmo tempo em cada palmeira um fruto. (C)

Para segurar as palmeiras e as plantas (E) abrir-se-ha uma ranhura, dobrando o extremo e colando na parte de baixo.

As plantas podem ser recortadas e pintadas também pelos nossos leitores, e colocadas na construção em grupos. Também se podem colocar na margem do rio pedras feitas de pedaços de cortiça, etc.

A bandeira deve ser pintada de verde e encarnado e a disposição geral, assim como qualquer aplicação improvisada, depende da imaginação dos nossos leitores.

(Já não há mais desenhos da construção)

NO PRÓXIMO NÚMERO:

UM NOVO CONCURSO DE LEGENDAS A PRÉMIO

UMA ALDEIA INDIGENA (Construção para armar)

